

# **SÃO PAULO: O JORNAL COMO INTERMEDIÁRIO ENTRE SETOR COMERCIAL, MERCADO DE TRABALHO E ESCOLA (1920-1930)**

## ***SÃO PAULO: THE NEWSPAPER AS AN INTERMEDIATE AMONG THE COMMERCIAL SECTOR, THE JOB MARKET AND THE SCHOOL (1920-1930)***

**Paulo Jorge de Oliveira CARVALHO<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O Brasil da Primeira República foi palco de importantes transformações na história do desenvolvimento econômico do país. Ainda no Império, o surgimento em São Paulo da economia capitalista foi possível graças à expansão do capital cafeeiro que, concentrado na região do Vale do Paraíba e mais tarde no Oeste Paulista, fincou no Brasil o marco da economia capitalista de exportação e concentrou em torno de si um agrupamento significativo de trabalhadores. Assim, o crescimento deste tipo de economia capitalista de exportação possibilitou que se arregimentassem os elementos fundamentais para o aparecimento, destacadamente no período republicano, de uma ambiência urbano-industrial organizada com base no trabalho voltado para o setor comercial.

O atual trabalho tem como eixo central a caracterização do vínculo entre mercado de trabalho e escola ao se exigirem qualificações para o ingresso no setor comercial, em um dos mais importantes centros urbanos do país no período entre 1920 e 1930. O tema sobre formação profissional e educação escolar tem como perspectiva, neste trabalho, o estudo da relação entre demanda por qualificação profissional exigida pelo comércio paulistano, e o papel do ensino profissional na configuração do perfil dos trabalhadores desse setor. Para este fim, privilegiam-se os anúncios classificados do jornal como fonte para análise da intersecção entre setor comercial e a oferta de recursos humanos. Com isto, pretende-se elucidar de que maneira a sociedade paulistana organiza o setor comercial, mediante pressão pela imprensa escrita, na procura por profissionais qualificados para trabalhar naquele setor e no período pretendido.

**Palavras-chave:** Ensino profissional; São Paulo; Imprensa.

### **ABSTRACT**

*The country of Brazil during the First Republican Period was a place with many important transformations concerning the history of its economic development. Still during the Empire period, the emergence in São Paulo of the capitalist economy was possible due to the expansion of the coffee industry that*

---

<sup>(1)</sup> Pesquisador, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisador e Docente, Graduação do Centro Universitário SENAC – São Paulo. E-mail: pauloj@uol.com.br

*(located in the area called "Vale do Paraíba" and later in the West of the state - São Paulo) settled in Brazil the mark of the export capitalist economy and concentrated around itself a meaningful group of workers. Thus, the growth of the capitalist economy made another aspect possible: key elements for the emergence (specially during the Republican Period), of an industrial urban ambience organized according to the work connected to the commercial sector.*

*This present work has as its central issue, the characterization of the bond between the job market and the schools where qualifications were demanded for the workers in order to enter the business sector in one of the most important urban centres of the country, between 1920 and 1930. The theme about professional education and education in school has as a perspective, here, the study of the relation between the demand for professional qualification asked by São Paulo's commercial sector and the role of the professional education in the configuration of the workers' profile of this sector. In order to accomplish this issue, advertisements from the newspapers are a source of analysis (an intersection between the commercial sector and the offer of human resources). Thus, it is possible to show the way that the society of São Paulo organizes the commercial sector, according to the media (press) pressure, in search of qualified professionals that were able to work at that sector in that period of time.*

**Key words:** Professional education; São Paulo; Press.

## Introdução

É por isso que, legitimamente, não se podem encarar os objectos independentemente dos homens, que, ao servirem-se deles, lhes conferem funções e, no caso dos semióforos, significados. Mas pela mesma razão os homens e os seus comportamentos não poderiam ser encarados sem os objectos de que se servem e que co-determinam o seu lugar na hierarquia social, os seus papéis e as suas identidades. (POMIAN, 1998, p.95).

Este trabalho consiste em verificar a configuração do ensino profissional, voltado para o trabalho no comércio em São Paulo, no período entre 1920 e 1930. Pretende-se elucidar como se organizaram importantes setores da sociedade paulistana diante da demanda por qualificação profissional exigida pelo setor comercial, e o papel do ensino profissional na formação desses trabalhadores. Para isto investiga-se o jogo de forças entre o mercado de trabalho e o ensino profissional – com destaque para o ensino comercial – noticiado pelos classificados dos principais jornais em circulação no período, em especial as seções

de anúncios do jornal *O Estado de S. Paulo*, com o objetivo de identificar quais eram as necessidades relacionadas ao perfil desses profissionais e de que forma esta demanda era atendida pelo ensino profissional.

Para alguns autores, a inter-relação entre o setor comercial e o ensino profissional começa a se estabelecer no período situado entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX (Kowarick, 1994; Carvalho, 1999; Sodré, 1999; Cruz, 2000; Fausto, 2000; Batalha, 2000 e Nagle, 2001).

Segundo Fausto (2000, p.13), em estudo sobre o período de formação da classe operária de São Paulo e do Rio de Janeiro, o Brasil da Primeira República foi palco de importantes transformações na história do desenvolvimento econômico do país, cujas origens estão presentes no período exatamente anterior. Ainda no Império, o surgimento nessas localidades da economia capitalista foi possível graças à expansão da economia cafeeira que, concentrada na região do Vale do Paraíba e mais tarde no Oeste Paulista, fincou no Brasil o marco da economia capitalista de exportação e concentrou em torno de si um agrupamento signifi-

cativo de trabalhadores, destacadamente nas docas de Santos e do Rio de Janeiro. Esse tipo de economia gerou necessidades específicas, que propiciaram importantes modificações em diversos setores da sociedade, entre as quais o autor destaca as “profundas modificações no sistema de transportes e nos serviços portuários, desde meados daquele século”. De acordo com a perspectiva utilizada por Fausto, houve grande impulso da rede ferroviária em função das exigências desse mercado de exportação – os caminhos que ligavam as regiões produtoras aos centros exportadores, onde operavam os serviços portuários, eram bastante precários e tradicionalmente percorridos por tropas constituídas por escravos. Esse era um aspecto que onerava significativamente os proprietários das fazendas, pois destacavam mão-de-obra necessária ao trabalho na terra para o transporte de café, e que contribuiu para que os caminhos existentes fossem substituídos pela implantação de estradas de ferro<sup>2</sup>. As vias férreas passaram a funcionar como elo entre a área cafeeira e os portos onde se dava o escoamento da mercadoria. Conforme afirma o autor, esse foi o foco de uma primeira disposição da classe operária na província de São Paulo. O crescimento da economia capitalista de exportação possibilitou que se arregimentassem os elementos fundamentais para o aparecimento de uma ambiência urbano-industrial organizada com base no trabalho voltado para o setor de serviços. A atividade industrial paulistana deve seu desenvolvimento, então, às modificações na economia cafeeira – basicamente no que se refere à crise do sistema escravista, determinada por dois fatores fundamentais: o primeiro que diz respeito à extinção do tráfico externo e conseqüente alta de preços dos escravos no

mercado interno, e o segundo, que está ligado à expansão urbana no interior da província.

Ao se inserirem neste panorama, os índices demográficos relativos à capital da província (e, após 1889, do estado) nota-se ainda a constituição de um novo quadro na economia brasileira, cuja origem está ligada ao impressionante advento da massa, tanto dos imigrantes europeus quanto da onda migratória oriunda da zona rural. A imigração européia e a migração rural criarão uma grande oferta de mão-de-obra disponível que será a base da formação de um verdadeiro exército industrial de reserva para o desenvolvimento econômico de São Paulo. A partir da última década do século XIX, a cidade de São Paulo passou a crescer aceleradamente, constituindo um pólo urbano-industrial cada vez mais pujante, que impulsionava, por sua vez, o setor direta ou indiretamente ligado à prestação de serviços. Note-se que será exatamente aquele *reservatório de força de trabalho* que irá abastecer de recursos humanos o setor comercial. Esse exército de reserva era composto, predominantemente, pelos escravos libertos cuja “inserção no sistema sócio-econômico se dá no terciário de mínima produtividade, constituindo o que se tem denominado ‘mão-de-obra’ sobranter” (FAUSTO, 2000, p.26), e pelos estrangeiros imigrados que,

de acordo com o censo de 1893 da Capital de São Paulo, [...] constituíam 54,6% da população total e uma proporção ainda maior da população ocupada [entre o setor industrial, do comércio e da prestação de serviços]. (...) De um modo geral, embora o vulto da força de trabalho estrangeira tendesse a decrescer com o correr dos anos, foi majoritária

<sup>(2)</sup> Uma leitura bastante peculiar sobre as condições de organização social que deram origem ao desenvolvimento do sistema de transportes, no estado de São Paulo, é realizada por Nestor Goulart Reis Filho, no trabalho sobre *Cultura e estratégias de desenvolvimento*. (In: Lorenzo, Helena C. de.; Costa, Wilma P. da. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.). Segundo o autor, este período que foi fortemente marcado pela implantação do sistema ferroviário de São Paulo, não tem como determinante o desenvolvimento da cultura do café, senão a apropriação das terras do interior da então província de São Paulo, “para equipá-las e vendê-las parceladamente para os cultivadores, fossem de cana-de-açúcar ou de café.” (p.146).

na Capital de São Paulo, tanto no setor industrial como no de serviços em todo o período considerado (1890-1920). (FAUSTO, 2000, p.29).

Esta análise dos aspectos econômicos e sociais encontrados no período do Brasil Império, é corroborada por trabalhos que permitem compreender a estrutura da sociedade brasileira ao considerarem a relação entre o setor econômico, político, social e educacional como fundamental no movimento de transformação, pelo qual o Brasil vai deixando de ser um país de economia eminentemente agrícola para abrir espaço para a implantação do capitalismo industrial – tanto no mundo da produção tecnológica quanto no aspecto das relações sociais. É no cerne desta estrutura capitalista que, a partir do aparecimento de novas camadas sociais e da diferenciação das antigas classes dominantes, incrementa-se o processo de divisão de classes baseado no trabalho que passa a exigir funções cada vez mais especializadas. Tal necessidade de especialização pode ser estabelecida em conexão com o cenário sócio-econômico do período, ou seja, ligando economia, sociedade e educação em torno da idéia de um ensino profissional técnico pautado na demanda do mercado de trabalho. Constata-se o imperativo, cada vez maior, na sociedade brasileira da Primeira República, do desenvolvimento de funções especializadas no contexto da formação de uma nova sociedade de classes resultante daquela divisão social do trabalho. Este aspecto torna possível realizar uma análise a respeito da relação entre essa configuração sócio-econômica e a educação na Primeira República, particularmente no que concerne ao ensino profissional.

Para entender a organização do ensino profissional no âmbito das grandes transformações urbano-sociais desse período, é fundamental considerar que o terreno fértil para a indústria nascente estava preparado pela “posição dominante do comércio na economia brasileira da época, (...) nas formas específicas da dominação do comércio, que resultam

da hegemonia do capital cafeeiro e da subordinação da economia brasileira à economia mundial” (SILVA, 1995, p.91).

No que tange especificamente ao ensino profissional para o comércio, em São Paulo, o estudo de Deaecto (2002), afirma que há uma nova classe de emergentes urbanos – composta tanto por imigrantes quanto por brasileiros – que é atraída para a cidade de São Paulo e, uma vez que “a cidade atrai novos negociantes, exige, por outro lado, maior profissionalização e especialização das atividades.” Deaecto (2002, p.24). Pois, assim como ocorre na indústria, constata-se que a expansão do comércio “se dá no interior de um processo mais amplo de modernização da estrutura econômica e desenvolvimento urbano, ou seja, ela aparece como resposta às necessidades criadas pela sociedade após o avanço da cafeicultura.” Deaecto (2002, p.62). Se considerarmos que o setor comercial – à medida que se estrutura com base nas novas demandas urbano-industriais – passa a conformar um mercado de trabalho específico, importa saber qual é a qualificação pedida aos indivíduos para ingressarem nesse mercado e que papel era reservado à escola no atendimento a esta solicitação.

Com base nesses elementos, sobre a economia e sociedade paulistas, e na tentativa de elucidar a presente proposta, destaca-se o jornal como fonte principal desta investigação – cujo alcance o tornava um dos mais importantes canais de comunicação da sociedade brasileira na Primeira República, em que “vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão.” (SODRÉ, 1999, p.275). As relações específicas entre cultura letrada, periodismo e vida urbana, no processo inicial de formação da metrópole paulistana, são cuidadosamente estudadas por Cruz (2000). Segundo a autora e, em conformidade com o estudo realizado por Sodré (1999), a imprensa periódica contava com jornais de grande circulação, como *O Estado*

de S. Paulo – que em 1910 tinha uma tiragem por volta de 40 mil exemplares – e, também, com algumas publicações com temas específicos e endereçadas a parcelas exclusivas da população, tais como: os almanaques, que funcionavam como verdadeiros guias da cidade trazendo informações gerais sobre suas instituições, seus hábitos e espaços de cultura e entretenimento, estabelecimentos de ensino etc, além de indicadores comerciais e de profissões; folhas e revistas domingueiras; folhas e jornais de bairro geralmente pertencentes à imprensa de imigrantes e, jornais da imprensa operária.

O uso do jornal, fazendo parte do conjunto de fontes consultadas em temáticas pertinentes ao campo das ciências humanas, tem sido cada vez mais comum e profícuo, o que se pode verificar em trabalhos como os de Gomes (1981), Sevckenko (1992), Pomian (1998), Balcão (1998), Sodré (1999), Cruz (2000), Bontempi Jr. (2001), Dias (2001) e Deaecto (2002). Isto é compreensível, entre outras razões, se for levado em conta o tratamento dado por Pomian (1998), ao considerar o jornal como um *semióforo*, ou seja, fazendo parte de uma classe de objetos “destinados a substituir, completar o u prolongar uma troca de palavras, ou a conservar-lhe o vestígio, tornando visível e estável o que de outra forma ficaria evanescente e acessível somente ao ouvido” Pomian (1998, p.80). Como explica o autor, esses *semióforos* são compostos de um suporte e de um signo que servem de linguagem e, primordialmente, substituem algo que não se encontra visível na atualidade, mostrando-a, indicando-a, recordando-a ou conservando dela vestígio, “para impor aos seus destinatários a atitude dos espectadores”. Ou, como diz Dias (2001), “o jornal além de oferecer dados sobre a sociedade (seus usos e costumes, suas questões econômicas e políticas), também auxilia na compreensão da vida de nossos antepassados.” Dias (2001, p.111). Tratar o jornal como testemunho de uma determinada época e de uma sociedade específica, considerando-o um *semióforo*, per-

mite a realização de uma pesquisa histórica sobre a vida urbana paulista no início do século XX. Afinal, é um período no qual a imprensa já estava consolidada no cotidiano urbano da cidade, de importância inclusive para saber de que maneira aquela sociedade poderia adequar-se às novas tendências de um mercado de trabalho que, constituído por estrutura cujo fulcro econômico corresponde a relações de produção e de trabalho peculiares ao setor comercial, exigia de seus indivíduos um conjunto de conhecimentos e habilidades próprios e sem paralelo em outro ambiente.

Tanto o jornal quanto toda a série de publicações da imprensa escrita, representavam um elo entre o setor comercial e as diversas fontes de recursos humanos que atenderiam às necessidades demandadas pelo mercado de trabalho – os jornais funcionavam também como importantes instrumentos recrutadores. É dessa maneira que se particulariza o presente trabalho, considerando-se o tema, a abordagem e as fontes documentais utilizadas. O tema, porque enfoca a relação entre a demanda por qualificação profissional exigida pelo comércio paulistano, no período entre 1920 e 1930, e o ensino profissional oferecido para supri-la. A abordagem, porque privilegia as iniciativas não-oficiais de ensino profissional, e dentro desse, o esquecido ensino comercial, com o que ingressa em uma zona de sombra da historiografia da educação brasileira. A peculiaridade com relação às fontes refere-se ao fato de que, embora os jornais diários sejam fontes freqüentemente utilizadas na pesquisa histórica em educação, as seções de anúncios permanecem ainda inexploradas, apesar de sua inequívoca riqueza para a leitura do “cotidiano” das cidades.

Inicialmente, a proposta desta pesquisa era trabalhar com o período entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do séc. XX e, com os principais jornais que circulavam na cidade de São Paulo nesse período. Em um primeiro momento constatou-se – por meio da consulta aos jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo* – que até à primeira década

da do século XX, os anúncios de recrutamento ainda eram escassos e pouco estruturados no contexto da publicação: apesar de estarem inseridos na seção de anúncios do jornal, aparecem sem destaque, misturados a outros vários anúncios de ordem geral (notas de falecimento, missas de 7º dia, aluguel e venda de imóveis etc). No entanto, já dão notícias do setor de serviços no mercado de trabalho. A partir de meados dos anos 20, em ambos jornais, já é perceptível o aumento da demanda para o setor comercial e, no *O Estado de S. Paulo*, o recrutamento ganha destaque no setor de anúncios, em seção denominada “Empregados que se procuram”. A partir dessa época é comum se encontrar mais de um anúncio diário.

O contato com a literatura que trata do assunto, somado aos indicadores fornecidos pelas fontes, levou à delimitação do período de estudo – 1920 a 1930 – no qual, em comparação com as décadas anteriores, evidencia um aumento da demanda por recrutamento através de anúncios em jornais – ao contrário do que se percebe anteriormente, quando é comum se encontrar apenas um anúncio diário. Nesse período, é visível também o aumento na quantidade de pedidos para funções no setor comercial, seja para cargos em escritórios comerciais (escriturários, datilógrafos, guarda-livros e correspondentes) – sendo a maioria com exigências básicas quanto ao conhecimento de línguas e ao manuseio de máquina de escrever –, seja para o comércio em geral (vendedores, balconistas, costureiras, práticos de farmácia e caixas).

No presente trabalho optou-se pela consulta ao *O Estado de S. Paulo* uma vez que, da consulta aos principais jornais em circulação no período – *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e *Folha da Manhã* –, resultou a constatação da predominância daquele jornal sobre os demais, não só no que concerne à quantidade de anúncios diários como também às estratégias utilizadas para diferenciar os anúncios em geral, como separar as vendas e alugueres de imóveis, por exemplo, dos anún-

cios que buscavam empregados. Muito provavelmente isto seja reflexo, como vimos, do fato deste jornal ser o de maior circulação em todo o estado. Como afirma Sevcenko (1992),

A indústria editorial paulista (...) assiste a um *boom* inesperado a partir do início dos anos 20. (...) Ele envolve não só livros, mas também revistas e folhetos de todo tipo, sendo que o próprio *O Estado* se beneficia dele, consolidando sua posição de jornal de maior tiragem do país, compondo um corpo de articulistas e redatores que envolve intelectuais dos mais brilhantes do país, além, dado excepcional, de algumas das maiores celebridades da imprensa européia, como colaboradores permanentes Sevcenko (1992, p.95).

Começou-se por investigar os classificados diariamente, desde os primeiros anos do século XX. Contudo, como dito anteriormente, a falta de material constatada e recolhida nesta investigação, concentrou a pesquisa no período a partir de 1920, do qual se registrou, basicamente, os anúncios pertinentes a funções ligadas à prestação de serviços no setor comercial. As funções requeridas por esse mercado de trabalho, e divulgadas pelos anúncios classificados do jornal referiam-se às funções de escriturário, datilógrafo, guarda-livros, correspondente e faturista – para trabalhar nos escritórios comerciais. E, tendo como destinação o comércio em geral, as funções de vendedor, balconista e caixa.

Nesse cenário, percebe-se o surgimento da demanda pelo cargo de estenógrafo em 1925, que não estava presente no início do período e que não voltará a aparecer no decorrer da década –, e um movimento de diminuição na procura por práticos de farmácia, que também desaparece a partir de 1927. Também a partir de 1925, desaparece da seção de classificados, por completo, a procura por alfaiates, costureiras e vitrinistas.

A análise dos atributos exigidos para as profissões que são anunciadas pelo jornal, leva à constatação de que as variações

existentes são, geralmente, internas aos cargos e mais diretamente relacionadas ao estabelecimento comercial solicitante do que aos diferentes momentos do período em que o anúncio é flagrado.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a imprensa escrita representava, indubitavelmente, um importante papel na estruturação do setor comercial, instigando a um estudo aprofundado que revele o que o mercado demandava como qualificação para o preenchimento de vagas produzidas por esse setor e, também, se e de que forma esta intersecção – entre a demanda de qualificação e a oferta de qualificação – teria influenciado o ensino profissional nas suas práticas de formação comercial. Para este fim, privilegia-se o jornal como fonte para a análise da natureza da intersecção entre o setor de serviços e a oferta de recursos humanos. Com isto, pretende-se elucidar de que maneira a sociedade paulistana organiza o setor comercial, mediante pressão pela imprensa escrita, na procura por profissionais qualificados para trabalhar naquele setor e no período baseada na hipótese de que ensino profissional técnico molda-se pela demanda do mercado de trabalho. Os aspectos discutidos por autores como Nagle (2001) e Deaecto (2002) levam à constatação da necessidade, cada vez maior, de desenvolverem-se funções especializadas que vão surgindo da influência exercida pelo forte crescimento urbano-industrial que se configura desde as primeiras décadas do século XX.

Não obstante a demanda caracterizada por qualificação profissional, a literatura denuncia uma importante lacuna entre esta realidade sócio-econômica e a educação escolar representada pelo ensino público e, oferecida pelo Estado. Ou seja, não parece haver uma

correspondência entre a procura estabelecida pelo setor comercial – por profissionais qualificados – e a formação de indivíduos para estas funções nas escolas públicas. Parece razoável conjecturar que, às escolas de ensino particular, deve ser atribuída uma função significativa no estabelecimento daquele elo entre sociedade e educação à luz do jogo de forças entre o mercado e a escola – restando identificar, no entanto, que escolas vão sendo criadas e de que especialidades vão dando conta. Buscando estabelecer essa relação entre a configuração do ensino profissional – voltada para o setor comercial – e o mercado de trabalho<sup>3</sup>, em São Paulo, no período entre 1920 e 1930, é que se justificam os dois tópicos a seguir. Os anúncios classificados, dos jornais pesquisados, são agrupados em categorias de tal forma que permitem estabelecer certos níveis de organização e facilitam a operacionalização dos dados.

O primeiro tópico trata de 483 anúncios<sup>4</sup> extraídos da seção de classificados dos jornais que recruta candidatos para o mercado de trabalho – considerando as funções voltadas para o trabalho em escritórios e no comércio em geral – aprofundando-se a análise daqueles direcionados aos escritórios comerciais. As categorias de análise foram selecionadas considerando-se as profissões, a localização dos estabelecimentos recrutadores, os principais atributos exigidos pelos diversos cargos e a oferta salarial explicitada nos anúncios. O segundo tópico considera o registro de 63 anúncios da seção de classificados dos jornais que oferece escolas e cursos à população. Esses anúncios foram classificados, para análise, por sua ligação direta ao ensino profissional e porque as escolas anunciadas tinham como objetivo principal a

<sup>(3)</sup> O termo “mercado de trabalho”, usado neste contexto, está relacionado ao setor comercial de São Paulo, no período especificado, e é condizente com a idéia desenvolvida por Eric J. Hobsbawm (1988), qual seja, “refere-se a uma área dentro da qual as diversas condições de trabalho (na medida em que elas dependam das negociações entre trabalhadores e patrões) são distintas de condições análogas em outras áreas.” (p. 215).

<sup>(4)</sup> O total de registros de anúncios apresentados refere-se à soma daqueles que aparecem pela primeira vez, ao pesquisador, durante a investigação nos classificados dos jornais. Não se considera, neste total, o número de vezes em que o mesmo anúncio se repete nas edições dos dias ou meses seguintes – o que também foi registrado e ocorre, em média, três vezes por anúncio.

formação de indivíduos para trabalharem em funções comerciais. Identificam-se quais são as escolas anunciantes nos principais periódicos em circulação, no período, em especial número 'O Estado de S. Paulo; que cursos são oferecidos; o que se ensina; que relação mantém com a configuração do setor comercial da época, sendo que, neste ponto, a análise compara a demanda do mercado verificada no tópico anterior; e, a oferta de escolas e cursos presente nesta seção do jornal.

### Empregados que se procuram

De acordo com Sodré (1999), em seu exaustivo estudo sobre a *História da imprensa no Brasil*, a origem de *O Estado de S. Paulo* está no jornal *Província de São Paulo*, cujo primeiro número circulou a 4 de janeiro de 1875. A *Província de São Paulo* representa um marco na história da “mercantilização da imprensa”, pois foi o primeiro jornal a ter venda avulsa. Este evento ocorre exatamente a 23 de janeiro de 1876, alguns dias após a celebração do primeiro aniversário em circulação. Até então, a maioria dos jornais da época, “vivia de anúncios (de casas comerciais de amigos, de falecimentos, de missas, de partida de navios em Santos, de espetáculos de teatro, de chegada de médicos da Corte, de negros fugidos), e de assinaturas, estimuladas por prêmios sorteados com a loteria...” Sodré (1999, p.226). Apesar da indignação com que esse sistema fora inicialmente recebido pela população, os outros jornais logo seguiram o mesmo caminho e, assim, vemos surgir na capital, “os jornaleiros, depois as bancas e os pontos, e a disputa dos pontos.” Sodré (1999, p. 227).

É certo que o aprofundamento da história de *O Estado de S. Paulo*, não cabe aqui como principal objeto de discussão. Entretanto, é fundamental que se entenda seu papel nesse período histórico e as razões pelas quais se dá a ele tal importância no conjunto das fontes utilizadas. Era um jornal que, no período de abrangência desta pesquisa, contava com

uma tradição de mais de 50 anos em circulação e representava grande influência no mercado comercial e financeiro. Além do que, significava um extraordinário espaço de investimento, cujo produto principal dividia-se entre a informação e a publicidade – no qual se incluem os anúncios que, como foi visto, tiveram papel decisivo na sua consolidação como importante periódico paulistano desde os primórdios de sua existência. À parte de que detinha, no período de interesse do estudo, a maior circulação na imprensa escrita, o jornal *O Estado de S. Paulo* já começava a apresentar os classificados em seção própria, característica que se mantém constante em todos os exemplares, com uma diagramação bem definida e bem delimitada, localizada em páginas que geralmente coincidiam de um dia para outro. Criava, também, o subtítulo “EMPREGADOS QUE SE PROCURAM” – que servia tanto para chamar a atenção do leitor ao recrutamento de pessoas para o mercado de trabalho quanto para destacar o espaço específico, no jornal, em que estes classificados se encontravam reunidos. Estas estratégias não só facilitavam a consulta direta a esse tipo de anúncio, como evidenciam um crescimento da oferta de empregos para o setor comercial paulistano, especialmente utilizando o jornal como um intermediário do mercado de trabalho e como um potencial meio de comunicação da população local – assunto em voga no período.

A análise da seção “EMPREGADOS QUE SE PROCURAM”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, no período entre 1920 e 1930, foi realizada com base no registro total de 483 anúncios – classificados por sua pertinência às funções ligadas à prestação de serviços e, cuja destinação refere-se, na grande maioria das vezes, a cargos para atuação em escritórios comerciais (60% dos anúncios) e no comércio em geral (24% dos anúncios). O restante destinava-se a trabalhos realizados em casas particulares (babá, cozinheira, jardineiro e professor). No caso dos empregos para trabalhar em escritórios, percebe-se certa paridade na procura pela função de es-

criturário (40,8%) e de datilógrafo (32,1%), seguida pelas funções de guarda-livros (11,7%) e de correspondente (9%). Para trabalhar nos estabelecimentos comerciais, em geral, a profissão de vendedor é, de longe, a mais procurada pelos classificados – 40% contra 11% na procura por balconistas que, praticamente empata com os 10% referentes à procura por costureiras.

É interessante notar que, ao longo dos 10 anos, existe certo equilíbrio com relação à demanda do mercado anunciada na seção de classificados do jornal. A função de escriturário mantém-se liderando praticamente todo o período – só perde esta posição em 1927 quando a procura por datilógrafos e por vendedores, a superam. De qualquer forma, a disputa pelo *podium* se dá sempre entre as profissões de escriturário, datilógrafo e vendedor. Estes são os únicos cargos encontrados nos classificados em que tanto se procuram homens (70,5%) quanto, mulheres (18,2%), sendo que, no caso da profissão de datilógrafo, a preferência é pelas mulheres (presentes em 71,5% dos anúncios para esta categoria) – uma associação que parece existir desde o surgimento das máquinas de escrever – e, no caso da profissão de escriturário, a preferência é por homens assumindo os cargos (em 78% dos anúncios).

Outro aspecto a ser considerado nos resultados trata da localização dos estabelecimentos que utilizavam o jornal como meio de recrutamento para esse setor econômico. No geral, ao analisarmos os classificados do jornal, é possível ter uma noção da localização desse mercado de trabalho no cenário paulistano. Em torno dele vão se posicionando os escritórios e os estabelecimentos comerciais – movimento que já aponta para o grande crescimento da cidade e para um desenvolvimento urbano que caminham para além da região do quadrilátero central. Nesse sentido,

percebem-se importantes semelhanças entre estas características, tipicamente relacionadas à sociedade paulistana nesse período, e o que ocorre com a análise que trata do mercado de trabalho londrino, flagrada por Hobsbawm (1988), no século XIX – estendido, pelo autor, até os anos de 1914. Apesar de considerar aspectos distintos dos que estão em destaque nesta pesquisa, nos apresenta um movimento de expansão do mercado de trabalho em estreita ligação com as características físicas da geografia urbana local.

Para que possamos estabelecer relações entre o mercado e a maneira como se organizava o ensino escolar no período, interessa saber quais eram os principais atributos exigidos pelos diversos cargos recrutados. Afinal, como mostra a demanda de anúncios, entre os primeiros anos do século XX e o final dos anos 30, estamos diante de uma esfera da economia que além de crescer aceleradamente na capital, se fortalece ao longo do período. Contrapondo-se esses aspectos ao estabelecimento de um recrutamento sistematizado – como é o que ocorre na seção “EMPREGADOS QUE SE PROCURAM” – é imprescindível que se examine, à luz da formação dada pelo ensino profissionalizante, que tipo de intermediação existia entre a configuração desse mercado de trabalho, em específico, e a educação escolar.

No conjunto de anúncios analisados, a maior exigência solicitada é que o candidato comprove domínio em uma língua específica, sendo que, – conforme vemos na literatura no que diz respeito ao grande volume de estrangeiros em São Paulo<sup>5</sup> – os candidatos mais procurados são aqueles que dominem a língua portuguesa, correspondendo a 50% dos anúncios com pedido de conhecimento de idiomas, sendo procedido por inglês – em 41% dos casos –, alemão e francês. Em seguida estão os pedidos de apresentação de

<sup>(5)</sup> Segundo dados extraídos de recenseamento realizado em 1º de setembro de 1920 (BRASIL, 1923), a população do estado de São Paulo, segundo a nacionalidade, correspondia a 78.612 estrangeiros e 66.255 brasileiros, ou seja, alcançando uma média de 54,26% de estrangeiros.

referencias e o conhecimento de datilografia – ambos com 26%; já nos casos de ter formação comercial e apresentar boa caligrafia encontramos dois tipos de anúncios, cada um responsável por 11% do total.

A formação comercial, exigida em alguns anúncios, diz respeito aos cursos de ensino comercial que ofereciam, entre o seu conjunto de disciplinas, o ensino de caligrafia, com o fim de tornar a letra do aluno clara, uniforme e desembaraçada e, o ensino de mecanografia que visava à aquisição de habilidades no manejo das principais máquinas de uso nos escritórios. O aluno aprendia datilografia, de forma a ter condições de escrever corretamente e com agilidade, além de obter conhecimentos sobre o uso de mimeógrafos, duplicadores, máquinas de calcular e outras máquinas de uso corrente.

Outro atributo presente nas funções especificamente relacionadas aos cargos em escritórios comerciais é o conhecimento de correspondência comercial, contabilidade e estenografia com 11%, 6% e 2%, respectivamente. Correspondência comercial – portuguesa, francesa e inglesa – significava aplicar o domínio daquele idioma à prática comercial, de maneira que, como correspondente, o indivíduo tivesse condições de reunir precisão técnica e correção de linguagem. Entendendo-se como prática comercial o conhecimento de generalidades sobre o comércio e das pessoas que nele entrevêm. Quanto ao conhecimento em contabilidade, o que se esperava do candidato era que tivesse noções sobre escrituração de um estabelecimento comercial – o que era ensinado, em diferentes níveis de complexidade, nos diversos cursos técnicos de ensino comercial, tais como, auxiliar do comércio e guarda-livros. Já a estenografia – técnica de escrita que utiliza caracteres abreviados especiais, permitindo que se anote as palavras com a mesma rapidez com que são pronunciadas – correspondia a um grau complementar da taquigrafia que, apesar de menos veloz, era uma habilidade muito útil no apanhado de ditados para a correspondência comercial.

Alguns anúncios são claros com relação à origem do candidato, especificando a nacionalidade como exigência para contratação – de um lado, portugueses, ingleses, alemães e brasileiros, com a mesma quantidade de pedidos e, em seguida, americanos, italianos, suíços e austríacos. Isto parece indicar a origem, não só dos empresários e empresas presentes nesse setor comercial como também os países com os quais tinham relações comerciais.

Por fim, outro aspecto que elucida sobre a dinâmica do mercado de trabalho é a oferta salarial presente nos classificados. No início do decênio, os datilógrafos tinham as melhores ofertas salariais, cujo valor variava em torno de 300\$000, e só se comparava ao salário das costureiras, que se aproximava desse valor. A função de datilógrafo é a que mais apresenta, ao longo do período, aumentos salariais, constatando-se uma majoração no salário de praticamente 270% – chegando a 800\$000 mensais –, ao compararem-se os anúncios que recrutam datilógrafos nos anos iniciais e finais da década. A valorização desta função parece manter-se nas décadas que se seguem e, escrever à máquina, foi tornando-se, para além de uma habilidade, uma profissão independente e reconhecida. Ainda no âmbito dos escritórios comerciais, encontramos as funções de escriturário e guarda-livros em baixa no início do período, mas que terão importante valorização nos anos seguintes, principalmente no caso de guarda-livros que, a exemplo do ocorrido com os datilógrafos, cresce de um patamar de 200\$000 para 700 mil réis, em 1927 – chegando mesmo, em 1925, a verificar-se anúncio oferecendo 200\$000 por duas horas diárias de trabalho. Assim como acontece com a profissão de datilógrafo, também o guarda-livros seguirá carreira independente até ser reconhecido legalmente como profissional liberal. Já os escriturários parecem manter um aumento salarial progressivo, oscilando entre 200\$000, em 1920, 300\$000 a 450\$000 na metade da década e, em 1930, 400 mil mensais.

A profissão de escriturário era também denominada de auxiliar de escritório, e correspondia à execução de tarefas administrativas diárias, tais como, datilografar cartas, relatórios, memorandos, atas de reunião e outros documentos; organizar reuniões, apresentações e outros eventos; elaborar atas nas reuniões; manter organizado os arquivos da empresa ou setor.

Parece irrefutável a constatação de que estamos diante de um mercado de trabalho que, constituído por estrutura cujo fulcro econômico corresponde a relações de produção e de trabalho peculiares ao setor comercial, apresenta-se revestido de tal caráter que exige de seus indivíduos um conjunto de conhecimentos e habilidades próprios e sem paralelo em outro ambiente.

No entanto, o que significava exatamente ter “formação comercial”? Faria parte da organização de algum tipo prévio de ensino escolar ou poder-se-ia recorrer a ela em cursos independentes e oferecidos por instituições particulares? Onde buscá-la? Que conteúdos contemplariam esse tipo de formação? E é justamente no retorno aos classificados do jornal que encontramos importantes pistas cujos indícios, além de serem verdadeiros sinalizadores do cotidiano, nos ajudam a responder, em parte, às questões suscitadas e que remontam aos objetivos iniciais desta pesquisa.

### **Professores, aulas e cursos**

Em um meio essencialmente comercial como o de São Paulo, que melhor profissão podereis escolher para os vossos filhos do que a do commercio – difficil, mas fartamente adquiridas em poucos annos, com parcas despesas e relativamente pequeno consumo de energias? (Trecho de anúncio classificado da *Academia Commercial “Mercúrio”*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 10/01/27, p.07).

Logo em seguida à seção “EMPREGADOS QUE SE PROCURAM”, encontramos outra subdivisão da seção de classificados cujo título é de todo atraente às premissas que norteiam o presente trabalho. A seção “PROFESSORES, AULAS E CURSOS” está presente no decorrer de todo o período pesquisado e traz, basicamente, informações sobre escolas e cursos nas mais diversas áreas de ensino e de aprendizagem.

A análise desta seção – presente no mesmo jornal, *O Estado de S. Paulo* – foi realizada com base no registro de 63 anúncios, classificados por sua pertinência ao ensino profissional e cujas escolas destinavam-se, basicamente, a formar indivíduos para o trabalho em funções ligadas ao setor comercial.

A principal escola anunciante, detentora de 24% do total deste tipo de anúncio, e a única presente em todos os anos estudados, é a Escola Remington – primeira escola especializada em cursos de datilografia, no Brasil, que está presente em vários Estados do território nacional, principalmente nas décadas que se seguem – o que parece comprovar hipótese levantada no tópico anterior, qual seja, de que se inicia, na presente década, uma rápida ascensão desta profissão. Já no que se refere aos cursos de formação comercial em geral, a Escola de Comércio Álvares Penteado, no período em que se investigam os anúncios do jornal, já está consagrada no segmento profissionalizante de ensino comercial e apresenta uma expressiva demanda – desde o seu primeiro ano de funcionamento – que parece dispensá-la da competitiva concorrência que se estabelece na cidade, entre as escolas privadas que atendem a mesma clientela.

Esta concorrência é de tal modo impressionante que, por várias vezes, os anúncios na seção “PROFESSORES, AULAS E CURSOS”, ocupam quase que metade da página do jornal, sendo muito maiores que alguns artigos e reportagens. Encontramos anúncios que, além de descreverem a vida social, trazem aconselhamentos e normas morais que atentam para as modificações ocorridas no

bojo das relações interpessoais e clamam pelo retorno aos antigos e bons costumes – valores ligados diretamente à escola e ao trabalho no sentido de dar continuidade à *tradição magnífica do passado*. A primeira porque é tida como verdadeira usina redentora dos vícios e da imoralidade e, o trabalho, porque repleto de valor patriótico.

Parece claro o importante papel do jornal como veículo de comunicação entre a população, de um modo geral, e os interesses ligados à escola e ao mercado. No entanto, não obstante esta relação direta entre o campo do trabalho e o da educação e, a indiscutível presença do germe daquilo que viria a ser responsável pelo *boom* do crescimento econômico nacional, os anos 20 são marcados por ações que nos provocam a investigar se as diretrizes da educação realmente não buscavam mais do que a formação técnica do trabalhador. Estamos diante de um período que nos faz imergir ao cerne de reformas históricas no sistema educacional brasileiro, narradas por Azevedo (1957), em *A Cultura Brasileira* e que suscitaram pesquisas, tornadas clássicos obrigatórios de consulta e de referência para o entendimento do processo de configuração da educação nacional nas primeiras décadas do século XX, como é o caso do trabalho de Jorge Nagle sobre *Educação e Sociedade na Primeira República*, e do trabalho de Marta Maria Chagas de Carvalho sobre *Molde Nacional e Fôrma Cívica*.

Esse processo diz respeito, por exemplo, a uma dada sociedade cujo registro pode ser surpreendentemente retratado por meio da seleção de alguns anúncios classificados do jornal *Folha da Manhã* e da seção “PROFESSORES, AULAS E CURSOS” de *O Estado de S. Paulo*. Encontramos ali registrados, pistas que nos permitem transitar por vários campos sociais – dos quais poderíamos destacar, além do educacional, o político, o econômico, e o da produção cultural – na tentativa de compreender a dinâmica da vida societária e do mercado de trabalho, da vida cotidiana e, fundamentalmente, da maneira como se apresentava

a organização do ensino profissional, cuja utilidade era realmente muitíssimo maior do que simplesmente capacitar os sujeitos para as habilidades necessárias ao trabalho produtivo; visava “uma educação SAN, MORAL e CIVICA, aperfeiçoando nelles o coração, suavizando os costumes, para formar homens de CHARACTER E REAL VALOR”. (Trecho de anúncio classificado da *Academia Comercial “Mercúrio”*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 10/01/27, p.07; grifos do próprio anúncio.). É evidente a preocupação em formar sujeitos, homens e mulheres, em tempo suficiente para atender à procura do mercado de trabalho que crescia rapidamente – como vimos anteriormente, no acelerado processo de recrutamento que corria em paralelo – e em contato direto com esse mercado, através da incursão a *estabelecimentos industriais e comerciais da cidade e do interior a fim de familiarizá-los com o fato da vida real*. Parece que, desta forma, poder-se-ia diferenciar uma forma de ensino que fosse voltada para o conhecimento prático e imediatamente aplicável.

As escolas e cursos, além de propagarem seu caráter utilitário e imediatista, com relação à possibilidade de aplicação do que ali se ensina, apresentam-se também como um importante espaço social e de convivência colocando, frente a frente, aspectos inerentes ao cotidiano social e ao mercado de trabalho.

Vale salientar, no entanto, que o ensino tem papel fundamental nesse jogo de forças que se estabelece entre a cidade e o comércio. Afinal, a pressão não é exercida somente sobre o segmento escolar, mas também, parte dele. E, chega até o ponto onde possa movimentar os poderes legislativo e executivo em direção à criação de leis, regulamentos e normas que organizam e fiscalizam, tanto o setor comercial como as escolas e os cursos de âmbito exclusivamente profissionalizante.

O que se pode concluir, até o momento em que se encontra o andamento da presente pesquisa é que, as escolas, assim organizadas e fiscalizadas, passam a apresentar uma dinâmica de funcionamento muito próxima

das necessidades presentes na sociedade, e oferecem novos cursos que respondem diretamente a estas demandas. Cursos que originalmente formavam para a carreira comercial, e assim eram chamados, vão sendo desmembrados de maneira que, as disciplinas que faziam parte da grade curricular, passam a ser oferecidas de forma independente. São cursos, à parte da matriz original – o curso comercial –, que permitem a possibilidade de uma formação mais rápida e mais direcionada a contemplar a departamentalização correspondente às novas estruturas organizacionais. Ao invés de passar quatro anos em um curso comercial, onde se aprenderia a técnica datilográfica, por exemplo, poder-se-ia estudar datilografia em mais ou menos três meses e conseguir, assim, uma colocação profissional mais rápida e mais condizente com uma sociedade que assiste, perplexa, ao acentuado processo de crescimento demográfico e econômico da época. Mudanças que impressionavam para além da expansão urbana, já constatada anteriormente, e que repercutiam na relação entre oferta e procura de mercado, estabelecida pelo setor comercial. Trata-se de oferta de trabalho dirigida a um segmento que se insinua de forma gradual e sutil na constituição da nova urbe paulistana, apresentando-se como verdadeira potência, não só de crescimento na área econômica, como, principalmente, de *status quo* – que favorece o prestígio e a consideração social.

Em se tratando da oferta de cursos, de modo geral, todas as escolas detectadas pela pesquisa – profissionalizantes e cujo perfil de ensino era voltado para a área comercial – anunciam cursos muito semelhantes: datilografia, línguas, taquigrafia, contabilidade, correspondência comercial, comércio, guarda-livros, cálculo comercial, calculador “Burroughs”, intérprete e tradutor público, perito judicial, agente consular e auxiliar de escritório. À parte da oferta destes cursos rápidos e que são oferecidos em praticamente todas as escolas, temos o curso mais completo da carreira comercial, assim chamado, curso comercial, que tinha a duração de quatro anos e

dirigia-se à formação das profissões de “comerciante, contador, guarda-livros, perito-judicial, interprete, tradutor publico, empregados da Fazenda, cargos de agente consular, director e chefe de grandes empresas industriaes ou estabelecimentos bancários” (OESP, 15/06/20, p. 10; 16/06/20, p. 10; 18/06/20, p.09; 19/06/20, p. 09; 21/06/20, p. 12; 22/06/20, p. 08; 23/06/20, p. 13; 25/06/20, p. 09).

Considerando a análise das fontes investigadas e o resultado a que se chegou, até o presente momento, é fundamental destacar o fato de que, a oferta de cursos divulgada pelos classificados dos jornais, mostra-se muito coerente com os atributos exigidos nos anúncios analisados inicialmente, que recrutam empregados. As reivindicações centrais daqueles classificados referem-se, em ordem de importância, ao conhecimento de idiomas, experiência na função, apresentação de referências, conhecimento de datilografia, formação em curso comercial, apresentação de boa caligrafia, conhecimento de correspondência comercial, contabilidade, e, estenografia. Esses são os atributos mais relevantes, esperados dos candidatos a vagas em empregos no comércio – substancialmente àquelas em escritórios comerciais – e estão, como vemos, amplamente contemplados nos cursos de formação oferecidos pelas escolas anunciantes do jornal.

## Referências

AZEVEDO, Fernando de. **A educação na encruzilhada**: problemas e discussões. 3ed. São Paulo: Melhoramentos, 1957. p.123-179.

BALCÃO, Lier. **A cidade das reclamações**: moradores e experiência urbana na imprensa paulista – 1900/1913. Dissertação – (Programa de História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em História Social, São Paulo. 1998.

BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BONTEMPI JR., Bruno. **A cadeira de história e filosofia da USP entre os anos 40 e 60**: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa. Tese (Programa de Educação: História, Política, Sociedade), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor em Educação, São Paulo. 2001.

CARVALHO, Marta M. C. de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CRUZ, Heloísa de F. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DEAECTO, Marisa M. **Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Senac, 2002.

DIAS, Marcia Hilsdorf. A escola normal paulista na ótica dos conservadores – O jornal católico *A Ordem*. In: GONDRA, José (org.). **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX**. Bragança Paulista: EDUSF, 2001, p.109-132.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GOMES, Angela Maria de Castro. Notas sobre uma experiência de trabalho com fontes: arquivos privados e jornais. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.1, n.2, 1981, p.259-283.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho – novos estudos sobre a história operária**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p.191-220.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: A origem do trabalho livre no Brasil. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa : Editorial Estampa, 1998, p.71-95.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 8ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1995.

SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. 4ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.